



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14190 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

EDUCAÇÃO SENSÍVEL NA AMAZÔNIA: REFLEXÕES POÉTICAS E EPISTEMOLÓGICAS SOB A EVOCAÇÃO DA VOZ

Dia Ermínia da Paixão Favacho - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Josebel Akel Fares - UEPA - Universidade do Estado do Pará

EDUCAÇÃO SENSÍVEL NA AMAZÔNIA:

REFLEXÕES POÉTICAS E EPISTEMOLÓGICAS SOB A EVOCAÇÃO DA VOZ

Resumo: A poesia como chave epistemológica de uma educação sensível, realizada pela vibração da voz na vida amazônica, faz a matéria deste estudo. Ele reflete a Educação a partir do exercício fundamental de resistência ao paradigma hegemônico, reprodutor da violência epistêmica opressora, característica do sistema social vigente, junto a sua lógica redutora, pautada no cartesianismo fortemente instituído pela modernidade. Trata-se da voz mitopoética de intérpretes velhos e crianças perscrutados em dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Estado do Pará, em quinze anos de produção. Assim, a reflexão de uma poética da voz, revelada na projeção de imagens sob um regime crepuscular, desvela a educação sensível na cultura amazônica. Além de poetas, narradores, pesquisadores, o trabalho tem seu aporte teórico fundamentado em referências das poéticas da voz, Zumthor (2007); das compreensões de imagem e imaginação, Bachelard (2001); da cultura amazônica, Loureiro (2001) e Nunes (1973); do diálogo sobre razão sensível e educação, Maffesoli (2008); da reflexão paradigmática, Santos (2010), da diversidade poética, Glissant (2005), além de outros estudiosos que colaboram para a evocação, projeção e reflexão da educação sensível no tempo/espaço amazônico.

Palavras-chave: Educação Sensível, Amazônia, Poesia, Epistemologia, Voz

Refletir uma epistemologia da Educação Sensível a partir da projeção da voz poética que produz imagens da/na cultura amazônica, disposta nas produções do curso de mestrado do

Ppged/Uepa^[1], me move no sentido de apostar no exercício de diferentes formas de pensar, dentro de lógicas diversas que concebam uma racionalidade aportada numa razão que se afasta do paradigma cartesiano da modernidade, legitimadora de instituições sociais formais da cultura ocidental, como a própria ciência, por exemplo. O pensamento poético que faz a educação sensível é exercício fundamental de resistência ao paradigma hegemônico. Além disso, pensar/sentir/fazer educação na Amazônia sugere fortemente assumirmos a *poiesis* de que se retroalimenta nossa cultura antes, hoje e sempre. Como nos aponta Loureiro (2001), a poesia é capaz de revelar o fundamental, o que é original nos diversos tempos da história de uma sociedade e no corpo significativo de sua cultura. Benedito Nunes (1973) afirma que somos um povo dotado de uma cultura própria com seu *ethos* peculiar e, a partir desta visão, o estudioso Paes Loureiro (2001) nos afirma que é possível falar de uma cultura amazônica. Aqui, o ser humano, “se realiza como co-criador de um mundo em que o imaginal estetizante e poetizador se revela como uma forma de celebração total da vida. (LOUREIRO, 2001, p.66). Nesta cultura, a poesia, voz original, é o fio tecedor fundante e, por isso mesmo, indispensável à reflexão/elaboração da educação na Amazônia. O intuito é de contribuir poética e epistemologicamente com a Educação Sensível na Amazônia, a partir da reflexão da voz dos intérpretes, voz poética num regime denominado crepuscular.

Quanto ao regime crepuscular, trata-se da abordagem teórico-metodológica adotada para a apreciação das imagens projetadas pela voz dos narradores nas dissertações do *corpus* desta investigação. A inspiração teórica deste regime funda-se na epistemologia bachelardiana. Estudiosos da obra do filósofo Gaston Bachelard dividiram-na didaticamente em dois regimes: o diurno e o noturno. O diurno corresponderia aos estudos dedicados à ciência da razão e o noturno seria correspondente aos estudos poéticos. Sendo assim, no trato analítico dos “dados”, ou melhor, na projeção de imagens da pesquisa “Ciência é feita de matéria objetiva e subjetiva; Educação, de razão e sensibilidade; Voz, de vibração e silêncio; Memória, de lembrança e esquecimento; Poesia, de matéria brilhante e obscura e Voz poética, de *logos* e mito” (FAVACHO, 2018, p. 47). A partir deste regime, leio a vibração da voz dos narradores nas dissertações, voz que conta a vida distante da dicotomia racionalista que apresenta separadamente natureza e sobrenatureza, fantasia e realidade, entre tantas outras formas disjuntivas de compreensão que, pela voz de razão poética, não faz sentido, uma vez que por ela tais valores são indissociáveis: natureza é feita de matéria sobrenatural, assim como o sobrenatural é natural; do mesmo modo, a fantasia faz o real, tanto quanto a realidade é feita de fantasia. Este estudo refuta a ideia de divisão entre os regimes diurno e noturno. Aqui, concebe-se um regime crepuscular, no sentido de que dedicamos nossa investigação à ciência da razão poética ou, ainda, a uma poética da razão científica.

A recusa da lógica do pensamento poético por instituições sociais formais é a questão problema que se apresenta durante todo meu caminho de pesquisa e que dá sentido ao estudo que realizo nas diferentes etapas da vida acadêmica. Tal problema aponta outro: a formação do pensamento na cultura ocidental dentro do paradigma da modernidade, que ao negligenciar a poesia de que somos feitos e de que é constituída nossas relações, não tem respondido muito

bem às questões que a vida apresenta. Neste tempo de transição paradigmática, “tempo de perguntas fortes e respostas fracas” (SANTOS, 2010, p.527), a busca por uma razão mais aberta, mais conjuntiva, torna-se indispensável para a reflexão de uma educação emancipatória e transgressora da ordem hegemônica. É pela razão poética, na vibração crepuscular da voz de sujeitos intérpretes de pesquisas realizadas pelo Ppged/Uepa ao longo de quinze anos, que este processo de pesquisa e produção acadêmica, busca transpor ao paradigma sociocultural da modernidade e refletir uma educação sensível na Amazônia.

Para tanto, estabeleci como objetivo geral, perscrutar nas produções do Ppged/Uepa a poética da voz que desvela uma epistemologia da Educação Sensível na Amazônia, a constituir o Regime Crepuscular como o regime da Razão Poética que faz a Educação Sensível. Parto do pressuposto de que há uma razão, entre outras, que fundamenta a *episteme* da educação sensível. Denomino-a de razão poética. Esta, para além de responder a uma lógica de pensamento aportada numa racionalidade mais aberta, conjuntiva, interna, orgânica, complexa, paradoxal, dialética, realiza-se numa lógica propulsora da força criadora como designa o sentido aristotélico. Para além do conceito de *poiésis* com seu sentido de força criativa conformado pela cultura grega, busco ainda a referência do medievalista Paul Zumthor (2007) que claramente distingue a ideia de literatura da ideia de poesia, afirmando que esta é “uma arte da linguagem humana, independente de seus modos de concretização, fundamentada nas estruturas antropológicas mais profundas” (ZUMTHOR, 2007, p. 12).

Assim, a partir da pesquisa no banco de dissertações do site institucional do Ppged/Uepa das turmas dos anos de 2005 a 2018 (com publicação até 2020), totalizo 14 turmas e 324 dissertações defendidas. Neste universo, sigo com as narrativas de intérpretes velhos e de crianças para compor uma mostra menor das fontes. A opção pelo sujeito de pesquisa aqui denominado como velho é assentada na concepção de Ecléa Bosi (2015) que apresenta o termo a partir da perspectiva do valor de experiência acumulada e, nesta abordagem, o tratamento da memória humana se relaciona com o sentido de que o velho, ao lembrar o passado se ocupa consciente e atentamente do próprio passado como substância da vida. Para ela, a voz de velho, “para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual” (BOSI, 2015, p. 82-83). Quanto à criança, é indispensável para confrontar se há o repasse da tradição pela voz poética e, desse modo, sua manutenção, atualização e movência, observados na ressonância de seus influxos vocais a vibração da memória ancestral. Além disso, a escolha da criança se dá ainda por sua imaginação criadora apresentada por Bachelard (1988) em sua *Poética do Devaneio*. Ao tratar dos devaneios da infância, o autor nos afirma que os devaneios da criança não são apenas de fuga e sim de alçar voo. O narrador da experiência que toca a memória do primordial– o velho, junto à narradora da força criadora do sonho de voo– a criança, fazem o tecido que vibra a voz numa razão poética que faz a educação sensível amazônica– *corpus* desta investigação. Sobre as narrativas orais impressas, o sentido é compreender/sentir o fenômeno por sua razão interna, contrapondo-se à razão funcional ou instrumental a qual nos habituamos. A razão interna favorece a problematização

da questão que move a pesquisa: a recusa da lógica do pensamento poético, ou seja, a negação da razão poética. Pela razão poética será possível tocar uma educação sensível, pois, como afirma o filósofo, “é a sensibilidade que pode permitir compreender o que vem a ser uma racionalidade aberta” (MAFFESOLI, 2008, p. 53).

Sigo com a evocação, projeção e reflexão da voz de intérpretes, nas doze dissertações, *corpus* final. Para o compartilhamento resumido do estudo, apresento a voz de uma narradora criança da produção “Era uma vez... a Cobra Grande na voz dos pequenos intérpretes cametaenses” (2014), desenvolvida pela pesquisadora Kezya Lima e orientada pela Profa. Dra. Bel Fares.

Era noite de lua cheia, a Cobra Grande veio, ela ficava com a cabeça pra fora da água, olhando a lua, transformada em miritizeiro, ela se transformava em miritizeiro porque era boa e não queria assustar ninguém.

- Professora, a senhora está vendo aquele toco? - Qual? - Aquele grandão. - Sim, o que tem ele? - Ele é a cobra que a senhora veio lá de Belém procurar. (Geisilene, 2013-11 anos)

A invasão da voz da criança pela poesia, pela imagem da imaginação criadora, faz transbordar o ser! “Era noite de lua cheia, a Cobra Grande veio, ela ficava com a cabeça pra fora da água, olhando a lua transformada em miritizeiro”. Já não podemos ser quem éramos a um segundo atrás. O *instante poético* nos tomou, transformando-nos para sempre pela novidade da imagem presente. De que lugar fala Geisilene senão do espaço onírico que ocupa de imediato o centro de nossos sentidos? A pequena narradora nos põe em presença do sonho pelo sopro poético de sua voz serena e convicta de quem tem o poder de resolver um problema de pesquisa com um instante de poesia. “- Professora, a senhora está vendo aquele toco? [...] – Ele é a cobra que a senhora veio lá de Belém procurar”. É preciso ter imensidão de alma para alcançar esta ciência sensível que aspiramos. Talvez se não esquecêssemos a criança que fomos um dia... Quem sabe Geisilene nos faça lembrar deste núcleo de infância que mora em cada um de nós e que somente o/a poeta faz acordar.

Conclusão

Ao refletir a cultura amazônica a partir da projeção da voz mitopoética evocada pelos narradores fui ao encontro de sua vibração original. Também, a consciência da dimensão epistemológica que orienta a abordagem teórico-metodológica para o trato da matéria de pesquisa é de funda relevância. Assim, sob o regime crepuscular, a evocação da voz pôde refletir a razão poética que faz a Educação Sensível na Amazônia. Porém, vale ressaltar que, apesar da matéria de estudo e pesquisa se localizar no tempo-espço amazônico, por seu próprio fundamento, valor substancial da matéria, a razão poética concebe o saber local na sua universalidade, o que permite estruturar a Educação Sensível aqui elaborada, para além das

fronteiras da Amazônia. Um outro aspecto importante a se apresentar é que no exercício de uma educação sensível, a condição de pluralidade e de diversidade dos seres humanos de que se alimenta o caos-mundo, para além de um direito humano constituído a ser zelado, deve ser vivido como bem cultural da humanidade. Revela-se como valor para, assim, conceber uma *poética da relação* (GLISSANT, 2005) que certamente colabora com um sentimento e pensamento antissexista, antirracista, anti-homofóbico, entre outras questões fundamentais de educação e luta por uma sociedade mais justa, de mais dignidade e felicidade para todos os seres. É inesgotável a diversidade dos saberes e das experiências humanas. Porque então não falarmos e assumirmos a diversidade poética como construção de uma educação que rompe com o paradigma hegemônico e se propõe a elaborar uma outra episteme que faça o exercício de transgredir a ordem violenta da epistemologia que resguarda o pensamento moderno ocidental? A este exercício científico me proponho pela via da *poiesis*. A nova realidade sonhada será feita pela poética do Ser.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**; tradução de Paulo Neves: 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- FAVACHO, Dia. **Educação sensível na voz de Calados**: poesia e memória em regime crepuscular. Belém: Paka-Tatu, 2018.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- LOUREIRO, J. J. Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**; tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck: 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- NUNES, Benedito. **Um conceito de cultura**. Universidade Federal do Pará. Belém, Imprensa Universitária, 1973.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Um Ocidente Não Ocidentalista? A Filosofia à Venda, a Douta Ignorância e a Aporia de Pascal. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, M. P. (orgs.). *Epistemologia do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**; tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- LIMA, Kezya Thalita Cordovil. **Era uma vez... a cobra grande na voz dos pequenos**

intérpretes cametaenses, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Belém, 2014. Disponível em: https://ccse.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/08/kezya_thalita_cordovil_lima.pdf . Acesso em: 17de jan. 2023.

[1] Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará